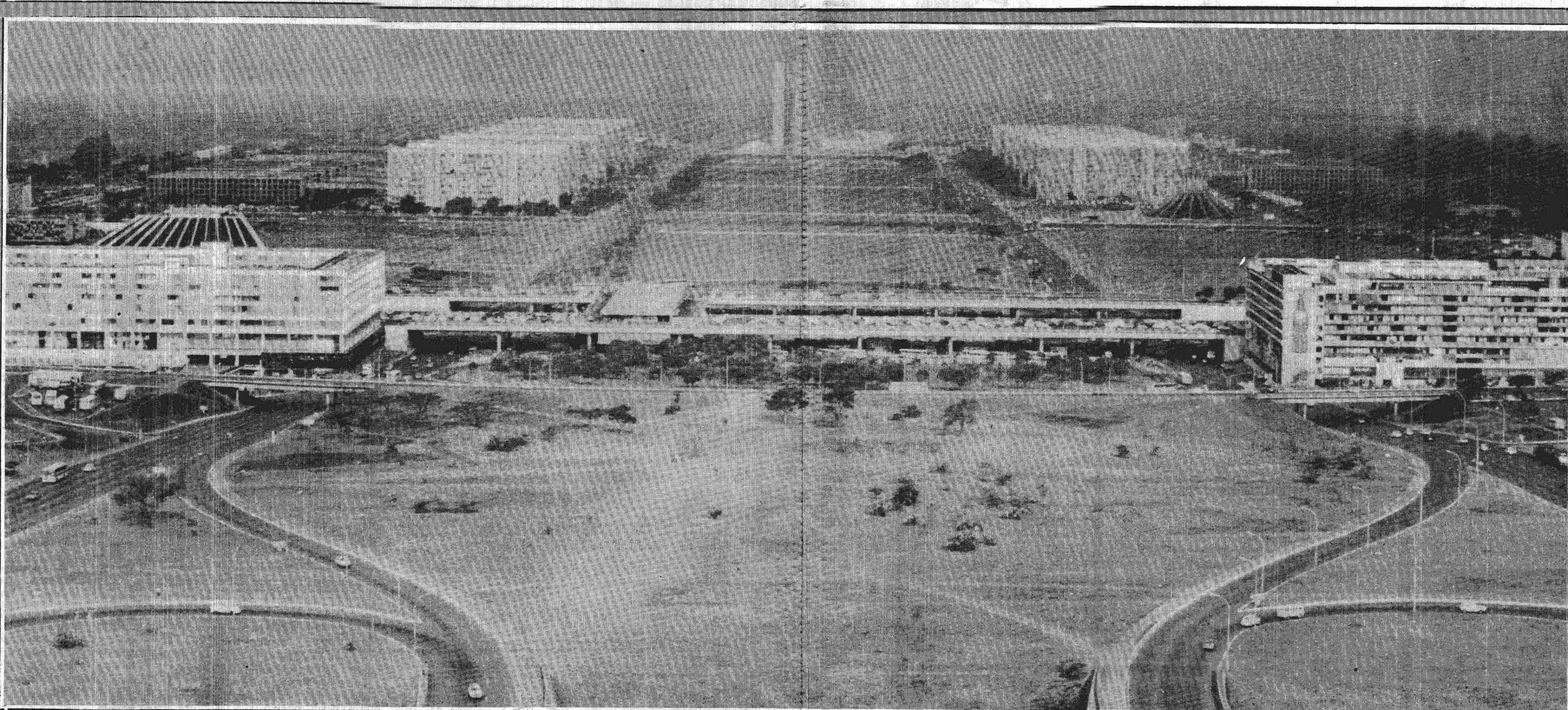




ARMANDO BULCAO  
Da Editoria de Cultura

A rigor, não existe nenhuma planta à qual os puristas possam se apegar para defender um suposto projeto original. Se existe, pelo menos não se encontra nos arquivos do GDF, que de mudança em mudança, descaso em descaso, guarda poucas plantas da época da construção de Brasília. A mais antiga, de 58, demonstra na verdade que, a partir de uma declaração de princípios do urbanista Lúcio Costa, à medida da necessidade, é que a cidade foi desenhada.

Mas mesmo consultando esta declaração o que se constata é que, em grande parte, ela foi subvertida, e por seus próprios criadores. A Praça dos Três Poderes que marca o início da monumentalidade do eixo, de certo mesmo possuía apenas o fato de estar dentro do triângulo formado pelo Executivo, Judiciário, com vértice no Legislativo, e a proposta dos espaços abertos, amplos e vazios, que permeia toda a Esplanada.

A praça portanto não é do povo, mas dos poderes. Sob o sol, não há sombra, e sob a chuva ou sob o frio, não há abrigo. Por isto, não é de estranhar que, sendo uma área de segurança nacional, com um palácio de paredes de vidro, a praça durante toda a semana, na maior parte do tempo, pareça refletir profeticamente as palavras de JK, quando falava da solidão deste planalto...

#### FALSA DISCUSSÃO

Na falta de projetos, ou plantas, o que há são os croquis de Niemeyer, o que não impede que a cada nova proposta de alteração da praça, os ânimos se acirrem, a favor ou contra um suposto projeto original, quando a questão é na verdade se a época justifica o investimento em monumentos, mesmo que a custo supostamente zero, bancados pela iniciativa privada.

Na praça a única obra que não possui o estilo do traço de Niemeyer é o mastro da bandeira, contra o qual o próprio arquiteto rebelou-se abertamente. Uma polêmica, que fez inclusive parte do programa de muitos candidatos brasileiros a uma vaga na Constituinte. O destino do mastro porém foi decidido não por um veto patriótico ou pelo esquecimento das promessas de campanha, mas por um veto essencialmente econômico. A retirada do mastodôntico mastro de 102 metros de altura, com uma fundação de 23 metros de profundidade, se não é impossível, é difficilima e cara, um valor superior ao próprio custo do Panteão.

Mas mesmo contando com o apoio e a assinatura de Niemeyer as demais construções da

praça não foram menos polêmicas. O Pombal, logo apelidado de "pregador de roupas" devido à sua evidente semelhança, foi erguido a pedido da então primeira dama Eloá Quadros, antes da renúncia de seu marido. Entretanto, preocupado com a proliferação dos pombos e dos piolhos que os acompanham, um ilustrado advogado da cidade chegou a ir aos jornais, pedir a retirada dos pombos e da obra, o que, ainda bem, não conseguiu. Os pombos às vezes são os únicos a povoarem a praça.

Polêmica mesmo, foi a construção do Panteão e da Pira, inaugurados recentemente. Criticou-se seu custo, a oportunidade da obra, e até mesmo o seu arquiteto, considerado uma espécie de "dono" da cidade. O GDF rebateu todas as críticas, mas principalmente as econômicas, ao afirmar que o governo não gastaria nada com elas, e que sairiam praticamente a um custo zero. A Panteão foi feito através de uma doação no valor de 20 milhões, repassados integralmente pela Fundação Bradesco, pelas mãos do banqueiro Amador Aguiar. A Pira foi estimada a um custo inicial de 2,5 milhões de cruzados, executada com verba do Banco do Brasil.

#### HALL DOS INGLESES

Completa o conjunto, um jardim, que aguardava apenas a chuva para começar a ser executado. No jardim, um bosque, e no bosque uma fileira de bujões, que através de um duto mantêm acesa a chama da pira, que apesar de todos os cuidados, já apagou pelo menos uma vez. O gás, graças a um acordo com a Petrobrás, é cedido gratuitamente, e é consumido a uma velocidade aproximada de 20 quilos por hora.

O que se segue dali para baixo permanece por enquanto uma incógnita. O certo é que o antigo prédio de madeira ocupado hoje pela LBA tinha outra destinação, originalmente um galpão de exposição do acervo histórico da cidade, construído em tempo recorde, antes mesmo da inauguração.

Mas saindo da Praça, indo em direção ao que Lúcio Costa chamou de "Hall dos Ingleses" é que se verifica realmente que tudo está bem fora dos eixos do plano-piloto. Os ministérios militares não se constituíram numa praça autônoma e muito menos o Ministério da Educação é o último da Esplanada (embora quase seja no orçamento) e cada vez mais está distante do Setor Cultural. O extenso gramado que serviria para pedestres, paradas e desfile, só é usado mesmo para procissões e como percurso de eventuais corridas de rua. Ao lado dos ministérios, uma espécie de subesplanada de anexos,

# Para onde vai o eixo?

Percorrendo os 20 quilômetros de extensão do eixo monumental, rebatizado 27 anos após sua inauguração de Central Presidente Kubitschek, a constatação é de que este espaço que vai da Praça dos Três Poderes até a Rododiferroviária nunca foi nem será o mesmo. A razão é simples: o suposto projeto original nunca chegou a ser totalmente desenhado e os próprios idealizadores foram os primeiros a subvertê-lo. Mesmo assim, toda vez que se propõe um novo monumento surge uma falsa polêmica em favor de um projeto original que jamais existiu.

A praça não é do povo mas dos poderes

A fonte ficou muda, sem cor e secou

Pedestre na Esplanada, só atleta ou "duro"

Um Buriti invadiu a Praça Municipal

O Gran Circo Lar ocupa, solitário, a enorme área vazia, e tem como companhia somente a cruz erguida por ocasião da visita do Papa ao Brasil. O embaixador Vladimir Murtinho já reivindicou a área para construção da Biblioteca Pública de Brasília, mas o provável é que tão cedo, a biblioteca não seja construída e o espaço permaneça vazio. Do outro lado da Esplanada, simetricamente oposto, o Teatro Nacional tantas vezes reinaugurado divide o espaço com uma enorme cratera, até o momento sem nenhuma destinação.

A "eventual casa de chá ou de ópera" é hoje o Touring Club. O tráfego que seria apenas local, na plataforma superior da rodoviária, atravessa toda área, hoje muito mais para Galeria Alaska do que para Time Square Garden, muito mais Jardim de Alah, do que Champs Elísée, invadidos pela epidemia de Shopping Centers que assolou o Brasil. Na rodoviária, a beleza arquitetônica de seu vão livre, condenou o espaço a incontáveis reformas e contra-reformas, incapazes de solucionar os epidêmicos casos de infiltrações.

Para cima e para o alto, o espaço mais popular da cidade aos finais de semana, e que originalmente possuía uma fonte luminosa musical, foi destinado para passagem do viaduto que hoje une as duas vias. No seu lugar, uma fonte sem cor nem atrativo, sem música e até mesmo sem água, mas que mesmo assim é freqüentada, principalmente pela população da periferia de Brasília, que tem ali o seu lazer domingueiro, uma longa peregrinação que começa na Rodoviária, e de barraca em barraca, de camelô em camelô, chega até a feira de artesanato da Torre. Da Torre para cima, um enorme vazio, não apenas de planos e de projetos, mas físico.

São poucas as referências específicas no plano-piloto àquela área. O setor esportivo, localizado à direita, realmente vingou, ainda que bem longe das intenções originais. À direita, ergueu-se o Parque da Cidade, que tem nos espaços vazios e desocupados uma de suas principais características. O ambicioso projeto de fazer no centro do eixo um corredor cultural é bem posterior e até hoje não saiu do plano das idéias. Separado por centenas de metros de grama, o prédio é ocupado hoje pela Funarte e o Centro de Convenções, que surgiu primeiramente como Setor de Difusão Cultural. O Centro também não foi construído de acordo com seu projeto, que previa, dentre outras coisas, placas pré-moldadas colocadas por cima dos cabos de aço, que hoje permanecem enigmáticos na paisagem.

Dali ao Buriti, centenas e centenas de metros de grama e

de árvores esparsas, até chegar à Praça das Fontes, ou dos namorados, ou do Buriti, como é conhecida oficialmente. Nada disto estava em qualquer plano original. A praça não tinha sequer este nome, sendo chamada simplesmente de Praça Municipal, onde deveriam ficar a polícia, o corpo de bombeiros, a defesa civil e claro, a prefeitura. Os buritis, o palácio do mesmo nome, os inevitáveis anexos (característicos das construções da cidade), o prédio da Justiça, nada disto é referido no plano.

#### SUFOCO

O Memorial JK, distante da praça algumas centenas de metros, ocupados por manguieiras, é uma obra bem posterior, curiosamente construída durante o governo Figueiredo, contando mesmo com o apoio expresso do presidente de um regime que cassou JK. Mas anistia é anistia. O Museu do Índio, que começa a ser construído bem ali em frente, com todos os cuidados ecológicos de preservação das manguieiras, já começa pela égide da polêmica e com o custo nada desprezível de 50 milhões de cruzados. A polêmica, além da crítica aos elevado preço, parte também do fato de que originalmente não era ali o seu lugar, mas como sempre é no mínimo difícil provar o que é ou não original no plano.

Depois do Memorial, vem o Cruzeiro de Brasília, presente desde o primeiro momento em todas as plantas antigas, marco da primeira missa. Mas daí para frente são quilômetros de capim e meio-fio, até chegar à Estação Rododiferroviária, mas que possui o grave inconveniente de seu salão de embarque subterrâneo, onde, com ou sem ventiladores, o passageiro está longe de guardar uma boa e última recordação da cidade. So parodiando Lúcio Costa: uma desagradável sensação psicológica de sufoco e asfixiamento.

Neste espaço livre, assim como em outros, o que virá a ser ou não ser construído é um mistério dentro de um enigma. Como não há projetos originais, a única referência possível é mesmo a cabeça de seus criadores, o desejo político do governador de plantão, e uma vaga sensação de que o Eixo Monumental possui uma redundante vocação para obras monumentais. Na verdade, 20 quilômetros de espaços amplos e abertos para especulações faraônicas. Se as obras surgirão pelas mãos de Niemeyer ou de quem o suceder no posto de arquiteto oficial da cidade, talvez pouco importe. O certo é que o Eixo nunca foi e nem nunca será o mesmo. A natureza, bem como as empreiteiras e construtoras, odeia os vazios. Mesmo que isto custe caro, porque sempre haverá alguém disposto a descontar o prejuízo do Imposto de Renda.